

BANHO DE LUA

Fui com meu irmão mais velho Gonzaga, assistir no “cineminha” do SESI em Franca ao filme “Um broto legal” (sem merchand de feijão) sobre a vida da cantora Cely Campello, uma das pioneiras do rock nacional. Dirigido por Luiz Alberto Pereira, a película lançada em 2022 (como diziam os comentaristas de cinema do passado) é uma produção nacional com baixo orçamento complementado por verbas de editais públicos, sem grandes arroubos ou efeitos especiais, talvez até didático demais ou às vezes burocrático, mas é bastante eficiente para contar a história daquela que foi uma das primeiras cantoras de rock do país a arrastar multidões para seus shows.

O contexto da época é fundamental para entender o que se passou e que catapultou Cely para a celebridade. São os anos JK, de euforia desenvolvimentista, a sociedade brasileira passava por um processo de profundas mudanças culturais e comportamentais decorrentes da urbanização e industrialização aceleradas, o baby-boom do pós-guerra ampliando a presença da juventude na vida do país. O filme mostra bem isso, o conflito entre os pais que nem eram tão conservadores assim com as escolhas dos filhos, pelo estilo roqueiro de “rebelde sem causa” e pelo tipo de música que ouvem e tocam. O filme mostra como uma improvável menina simples do interior que cantava e apresentava um programa de auditório na emissora de rádio de Taubaté, uma pequena cidade do interior paulista no Vale do Paraíba, em pouco tempo se transforma numa superstar com discos vendidos aos milhares, ginásios e auditórios lotados para assistir seus shows embalados por versões de rock norte-americano de Neil Sedaka como seu hit “Estúpido Cupido” ou italiano como “Banho de Lua”, a partir do esforço de seu irmão, o também músico Tony Campello que a apresenta a um caça-talento da indústria musical.

Sucedem que ao ver o filme meu irmão comentou que minha mãe nos levou para ver o show que a cantora fez no Clube dos Bagres em Franca. O Wanderley do Arquivo Histórico logo achou a data correta da vinda da Cely Campello a Franca, foi no dia 17 de agosto de 1960, uma quarta-feira. Tinha 8 anos de idade e não lembro de nada disso, mas meu irmão garantiu que fomos. A notícia mostra que Cely e Tony fizeram dois shows, um no Bagres e outro na AEC, um baile em plena quarta-feira de agosto. O mais engraçado é que, embora tenha sido um sucesso de público, o cronista social da época reclamou, pois quis dar uma “carteirada” pra entrar de graça e caiu do cavalo, teve que pagar o ingresso como todos os outros mortais para ver o “broto legal”.

Voltando ao filme, um reparo impossível de não fazer na capital do basquete e do alto da empáfia de alguém que foi ver a cantora no Clube dos Bagres (embora não lembre de nada). O contrarregras do filme não atentou para um pequeno detalhe. O filme mostra o dilema de Cely entre a carreira artística e o amor, traduzido pelo casamento com um antigo namorado de Taubaté que a fez encerrar a carreira precocemente, iniciada em 1958 e encerrada em 1964. O sujeito era jogador de basquete (meio desengonçado, é verdade, acho que não seria titular no Clube dos Bagres) e no final do filme, os dois tem um encontro que vai decidir seu futuro, ocorrido numa quadra do clube onde ele treinava. O drone da filmagem subiu e mostrou do alto a área esportiva: a pintura da quadra não é a dos anos 1960, quando o garrafão era trapezoidal e não havia o semicírculo sob a tabela, e sim a pintura usada atualmente, com o garrafão retangular. Na capital do basquete, não poderia deixar passar em branco esse hilário “erro” do correto filme.

Mauro Ferreira é arquiteto